

Motivos noturnos como marcas do sublime em Gilka Machado

Caroline Buratti David¹

Fabiano Rodrigo da Silva Santos²

RESUMO

A poesia de Gilka Machado é reconhecida a partir da transgressão que imprime à temática erótica que marca a sua produção. A subversão da temática e a centralização de questões como o prazer feminino e a posição da mulher na sociedade são parte do fazer poético gilquiano e a destacam como à frente de seu tempo. A fim de expor a intimidade do seu eu-lírico enquanto mulher e a conexão com o meio, Gilka Machado se utiliza dos motivos noturnos para promover a ligação entre os elementos marginalizados. Desse modo, a linguagem sublime propicia o contato com a infinitude da natureza e da noite e concede espaço para a exploração dos sentimentos e das sensações que são reprimidas. Para analisar tais elementos, este artigo debruça-se sobre os poemas “Silêncio”, “Falando à Lua”, “Noturnos” e “No tórculo da forma...” e mantém-se o diálogo com Edmund Burke (1993), Emmanuel Kant (2008), Candido (1987 e 2006) e outros.

Palavras-chave: Poesia; Sublime; Motivos noturnos; Gilka Machado; Literatura brasileira.

Night motifs as marks of the sublime in Gilka Machado

ABSTRACT

Gilka Machado's poetry is recognized by the transgression that prints an erotic theme and mark to her production. The subversion of the theme and the centralization of questions as female

¹ Mestranda em Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Membro do grupo de pesquisa “Poéticas da negatividade: a melancolia, o mal e o niilismo na literatura e artes modernas - de fins do século XVIII ao século XX”. E-mail: caroline.buratti@unesp.br. Orcid: 0000-0002-9291-9940

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Membro do grupo de pesquisa “Poéticas da negatividade: a melancolia, o mal e o niilismo na literatura e artes modernas - de fins do século XVIII ao século XX”. Atualmente é professor assistente-doutor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. E-mail: f.santos@unesp.br. Orcid: 0000-0002-4438-4187



pleasure and woman position in society is part of Gilkiano's way of making poetry and puts her forward her time. As a way of exposing her persona intimacy as a woman and the connection to the environment, Gilka Machado uses the night motives to promote the connection between the marginalized elements. Thus, the sublime language provides contact with the infinity of nature and night and it gives space to explore the feelings and the sensations that are hidden and repressed. For analysing those elements, this article highlights some poems as "Silêncio", "Falando à Lua", "Noturnos" and "No tórculo da forma...", in dialogue with Edmund Burke (1993), Emmanuel Kant (2008), Candido (1987 e 2006), and others.

Keywords: Poetry; Sublime; Night categories; Gilka Machado; Brazilian literature.

1. Introdução

Reconhecida como "a primeira mulher nua na poesia brasileira" por Carlos Drummond de Andrade (1980), Gilka Machado encontra, entre singelos espaços, lugar para explorar e falar sobre a realidade, os sentimentos e as sensações da mulher brasileira no século XX. A incerteza do seu lugar em uma escola literária fixa, de modo a se fazer sujeito flutuante, inaugura sua poesia que transgride os limites estabelecidos, de forma a manifestar uma poesia de autoria feminina capaz de subverter o tema e a forma literária para, então, ser capaz de comunicar a escrita de uma mulher.

Ultrapassar os limites sociais e literários e comunicar uma poesia que é feita por uma mulher e para mulheres nos primeiros anos do século XX - momento em que lança seu primeiro livro, *Cristais Partidos* (1915) - marginalizou a poesia da poeta carioca, visto que

A ousadia de sua lírica não foi aceita, principalmente porque pregava a libertação dos instintos femininos sem reservas, numa linguagem direta e franca, diferente daquela praticada por poetas da época, que ainda se ressentiam das influências parnasianas, com suas metáforas arrojadas e suas inversões sintáticas (GONÇALVES, 2012, p. 09)

A lírica giliana carrega a transgressão dos limites que à mulher brasileira era necessária. Ainda, sua escrita também contribuiu com novas formas de produzir e entender a literatura brasileira da época, visto que sua produção articula construções de imagem, sentido e métricas e, ao mesmo tempo, comunica temáticas pouco usuais à época, como o erotismo feminino a partir de um ponto de vista também feminino.



As temáticas recorrentes na produção de Gilka são, frequentemente, associadas ao uso dos motivos noturnos e da linguagem sublime que dão características únicas e diferenciais à produção da poeta, visto que ela se utiliza de ambas (imagens noturnas e linguagem sublime) para apresentar o mais puro da exploração dos sentimentos e do corpo de seu eu-lírico.

Dessa forma, a articulação entre conceitos sociais e literatura se dá por meio da utilização de motivos noturnos que, de forma sublimada, falam a realidade do eu-lírico feminino que, ao longo dos poemas, expõe suas fragilidades, desejos, lutas, amores e sensações. O sublime, assim, é utilizado como ferramenta que diviniza a mulher e, ao mesmo tempo, a erotiza através de imagens noturnas como a Lua e a Noite, que permitem que todas essas condições que outrora não puderam ser exploradas, por fim, sejam destacadas.

A condição da noite, nos poemas gilbianos, é outro elemento que subverte a ordem, visto que a noite é motivo de medo, terror e assombro, de acordo com a filosofia romântica, porém é durante a noite que as explorações dos sentidos mais íntimos podem aflorar, logo de acordo com Candido (2006) “[...] a noite é vista como momento privilegiado. Não é apenas ambiente favorável ao sobrenatural e ao insólito, mas é também correlativo dos estados da alma, equivalendo a um modo de ser ligado ao inconsciente, às raízes profundas da personalidade (p. 138).”

É por meio da noite, que se opõe à clareza das opiniões e das ideias estabelecidas durante o dia, que o eu-lírico gilbiano encontra espaço para se apresentar e, ao mesmo tempo, se conectar ao seus semelhantes, ou seja, aqueles que se escondem na escuridão de si e encontram dificuldades em tomar espaço durante a presença do dia e dos olhares sociais.

A linguagem sublime, por sua vez, se apresenta através dos motivos noturnos para estabelecer relações de grandeza e finitude que são condicionadas ao ser humano. O sublime desafia a imaginação e agrada aos sentidos, de forma que apresenta ao eu-lírico a sua condição de pequenez diante dos próprios sentimentos e sensações não explorados e que são limitados pela claridade do dia.

O sublime une-se à noite através da sugestão, da elipse, do desconhecido, do fim e constrói, na poética de Gilka Machado, atalho para a presença da mulher consciente da sua



potencialidade como ser agente da sociedade em que se coloca e, principalmente, como ser que deseja o outro e deseja a si “num longo enleio/ de fêmeas/ enamoradas?!” (MACHADO, 1992, p. 318).

2. O Entre-lugar de Gilka Machado

Aos 22 anos, Gilka Machado publicava seu primeiro livro que marca sua estreia na produção poética na literatura brasileira, os *Cristais Partidos* (1915). Em seu debute, a poeta reúne 54 poemas que falam a realidade da mulher no século XX, a partir de uma visão pouco recorrente na autoria feminina produzida até aquele momento. O erotismo, a exposição e a coragem de Gilka chamam atenção à escrita de sua época.

A dificuldade em posicionar a poeta em um só movimento literário demonstra as características partilhadas entre o simbolismo e o modernismo. O que aqui se define como entre-lugar é o resultado da utilização de formas fixas, como o soneto, e temas livres e transgressores como ponto chave para a elaboração de uma estética singular que rompe com a tradição e se nomeia giliana.

A busca pelo rompimento com o que se entendia como produção literária brasileira no século XX abrange toda a produção artística giliana, de modo que não é possível identificá-la como pertencente a um único grupo. Isto acontece pois Gilka se utiliza dos recursos que tem para construir a sua própria linguagem e a sua própria forma de falar a vida. Segundo Heloísa Buarque de Holanda, em suas notas críticas à *Poesia Completa* (2017) de Gilka Machado,

Vejo Gilka, atenta, se equilibrando entre estas duas pontas [simbolismo e parnasianismo], buscando, deliberada, o lugar de sua lírica feminina erótica, dissonante e pessoalíssima. Ou terá sido por acaso que escolher *Cristais partidos* como título para seu livro de estreia? *Cristais partidos*, sentidos como inevitáveis para a eclosão de um *ethos* feminino. (p. 426)

A construção do espaço e reconhecimento de um *ethos* feminino é também o processo de trabalho de Gilka Machado, que se dá por meio da elaboração de imagens, contatos e explorações pouco comuns à escrita da mulher no Brasil e fora dele. No século XX, as mulheres batalhavam por direitos básicos como o direito ao voto ou ao divórcio, por exemplo. Assim, entende-se que a poeta, através dos seus poemas comunicava-se com outras mulheres que



buscavam pelo reconhecimento do seu direito de viver livre, de amar, de ser amada, de sentir e de ser mulher.

É, portanto, num ponto de convergência entre o apelo da mística da palavra do simbolismo, na “tradição de ruptura” como definida por Octavio Paz (2013), no cultivo da exuberância sensorial e nas ressonâncias da experiência de ser mulher, que surge a lírica de Gilka Machado; elíptica e misteriosa quando se debruça sobre as impressões do cosmos e do enigma da palavra, mas honesta e franca quando considera a condição de mulher - nessa esfera é que se permite a expressão elegante, mas pungente do erotismo feminino e a denúncia das amarras que restringem as mulheres em sua época.

Para comunicar a exploração desses sentimentos e sentidos, a poeta brasileira utiliza-se de motivos também pouco usuais como os motivos noturnos. As figuras da Lua, da Noite, do céu negro, do vento noturno e do silêncio são recorrentes e fazem parte da atmosfera elaborada para a promoção da conexão entre o eu-lírico e os seres que o cercam.

O forte apelo sensorial e místico apresentados ao longo da poética de Gilka Machado são reafirmados por meio da utilização desses motivos noturnos que são utilizados através da sua afirmação positiva, de modo a negar as dependências negativas que, comumente, são atreladas aos elementos que compõem a noite.

A noite, portanto, vai ser amiga e companheira do eu-lírico, de modo a acolher, reconhecer e acalantar as dores que o dia exprime no corpo da mulher. A sensibilidade e a subjetividade vão ser exploradas e apresentadas através da linguagem sublime que se configura a partir dos motivos noturnos que darão profundidade, complexidade e transgressão aos sentimentos explorados.

O sublime e a noite se conectam e são meios de exploração do eu-lírico e da natureza que o cerca. A noite e a natureza sublimadas são o que Showalter (1994) afirma como “lugar selvagem”, que é entendido como espaço comum à escrita da mulher que não compartilha traços ou temas com seu dominante, o homem.

Dessa forma, entende-se que a poesia de Gilka sempre primou pela liberdade, seja temática, seja composicional e acompanhou as mudanças que o momento histórico lhe



franqueou; havendo em sua lírica um pendor para a renovação estética e sobretudo um princípio de transgressão dos limites (éticos e estéticos) estabelecidos, mesmo que tais fenômenos se manifestem de modo sutil em sua criação literária.

Sutil pois Gilka Machado não buscava renovar modelos literários, mas ansiava por conferir espaço à mulher, aos desejos, a íntima ligação entre literatura, arte e vida. Assim, interessavam-lhe aspectos que pudessem subverter processos já consolidados como meio de comunicar uma arte própria que fale uma realidade sem voz através de construções tampouco usuais que se dão, em seu trabalho, por meio da conversão entre motivos noturnos e a linguagem sublime.

3. O sublime gilciano

As primeiras investigações acerca do sublime apontam para o Longino, autor da antiguidade cujo escrito, posteriormente conhecido como *Do sublime*, influencia as reflexões sobre o meio como a poesia pode alcançar a grandeza. Em sua obra, Longino (1981) trata o sublime como uma faculdade que promoveria a excelência da poesia no momento em que essa estimulasse a paixão dos espectadores, sendo arrebatados e elevados à altura dos grandes feitos e imagens impressionantes que o poema lhe apresenta.

Segundo Longino, “[...] por natureza de certa forma, sob o efeito do verdadeiro sublime, nossa alma se eleva e, atingindo soberbos cumes, enche-se de alegria e exaltação, como se ela mesma tivesse gerado o que ouviu” (1981, p. 51). O que é grandioso também oprime, pois, por contraste, a grandeza dos fenômenos sublimes, os céus infinitos, mares revoltos, grandes batalhas, etc., revelam a pequenez humana, provocando, por um lado, respeito e, por outro, o fascínio próprio do terror.

É esse aspecto do sublime que Edmund Burke destaca em sua obra *Uma Investigação filosófica de nossas ideias sobre o belo e o sublime* (1757), inaugurando uma tendência de interpretação do sublime que se tornará muito popular do romantismo ao simbolismo – o sublime é provocado sobretudo por aquilo que atemoriza, de modo a estar o mistério nas coisas obscuras, na noite, nos nevoeiros, nos abismos, entre os objetos sublimes.



Tudo que seja de algum modo capaz de incitar as ideias de dor e de perigo, isto é, tudo que seja de alguma maneira terrível ou relacionado a objetos terríveis ou atua de algum modo análogo ao terror constitui uma fonte do *sublime*, isto é, produz a mais forte emoção de que o espírito é capaz. (BURKE, 1993, p. 48)

O clímax das sensações e a sua aproximação a elementos capazes de, muitas vezes, minimizar a condição humana é o que chamamos de sublime. O sublime torna-se a poética daquilo que está além do humano, do que é incompreensível e transcendente (SANTOS, 2015, p. 87), o que justifica que a poesia que o explora, normalmente, encontre nos aspectos misteriosos e opressivos da natureza a fonte de imagens de grande efeito sobre a sensibilidade – abismos, brumas, a noite, a quietude dos céus, o rugir dos mares .

São aspectos da natureza que expressam grandiosidade e potência, diante dos quais a sensibilidade humana, paradoxalmente, se encolhe e se entusiasma. Se a grandeza da natureza oprime por lembrar ao homem a sua pequenez, por outro lado poder constatar essa grandeza entusiasma e fascina. Schopenhauer (2005) compreende o sublime como reflexo da capacidade máxima de contemplação e, então, distanciamento do desejo. Assim, o ser só é capaz de contemplar verdadeiramente o outro, logo a verdade por trás das aparências quando se abstém do desejo e atinge a contemplação plena e, o sublime, é a linguagem que satisfaz as condições necessárias para tal.

Schopenhauer trata o sublime como a impressão que se tem quando aspectos relacionados ao grandioso oprimem a vontade, liberando a consciência dos desejos mesquinhos, e abrindo-a a uma contemplação livre de desejos – o mar revolto, os céus infinitos, os desertos ilimitados, as florestas densas – apresentam ao homem um espetáculo que aniquila todas as disposições mais “baixas” do espírito. Diante de tais fenômenos, o homem é elevado à altura da contemplação dos grandiosos, compartilhando assim da grandeza (SCHOPENHAUER, 2005).

Antes de Schopenhauer, Edmund Burke, como dito, já relacionara o sublime à grandeza que oprime; seu tratado sobre o sublime parte da premissa de que a poesia fala diretamente às paixões humanas, que se dividiriam entre os polos do prazer e o da dor. O prazer estaria relacionado ao belo, expressão da harmonia e da satisfação. Prados floridos, fontes cristalinas,



a brisa matinal, são exemplos de manifestação do belo. Já o sublime estaria no polo oposto ao da dor, que seria entrevista em tudo que é ameaçador, tais como os cataclismos, a luz que cega, o escuro que desorienta. No entanto, ninguém encontra prazer na dor e o prazer é necessário para a poesia.

Assim, no sublime experimenta-se a dor virtualizada pela linguagem artística e de uma distância segura. A dor converte-se em fascínio, numa forma de prazer indireto a que Burke chama de deleite – efeito da impressão mais intensa que a poesia pode produzir (BURKE, 1993). A ideia do sublime é relacionada, normalmente, à ideia de magnitude, pois são elas fontes de tensão; o céu, o oceano, o universo, ou seja, tudo aquilo que causa ao espírito sensação de minimização quanto aos objetos ao seu redor a partir do terror. Desse modo, a imensidão de um deserto, por exemplo, causa sensações diferentes quando comparada à imensidão do céu, visto que o segundo é objeto de mistério e, principalmente, terror.

É importante ressaltar que a maior capacidade de um objeto de causar ao ser sentimentos complexos de pequenez não anula a possibilidade de exploração do sublime em outros aspectos, visto que esse se atém a causar tensão. Desse modo, os motivos são variados e seu poder de efetivação também.

Gilka Machado desenvolve em sua poesia a linguagem sublime como meio de articulação de elementos que trazem à tona a condição de ser humano e de pequenez, como é o caso da noite. O sublime de forma elíptica e sugestiva dá à poeta ferramentas para a exploração de elementos sinuosos como o silêncio, a obscuridade, as trevas e a lua – chamadas aqui de motivos noturnos.

O sublime de Gilka Machado aproxima-se da ideia construída por Edmund Burke e, conseqüentemente, a distancia dos preceitos de Kant. Isto acontece pois Burke afirma o sublime como uma categoria ligada à emoção, enquanto Kant trata o sublime em termos da imaginação; desse modo, o primeiro considera o efeito, logo a comoção causada, enquanto o segundo afirma a união entre intelecto e sentimento.

Entende-se, portanto, que a noite é um dos meios de promoção do efeito sublime na poesia da poeta brasileira. É por meio da densidade da noite, bem como a possibilidade de



ocultação, da sugestão e do insólito aos preceitos sociais que o eu-lírico encontra espaço confortável para a sua fusão com a natureza de si. A obscuridade, como afirma Burke (1993), é uma das formas de possibilitar o sublime, assim

[q]uando temos conhecimento de toda a extensão de um perigo, quando conseguimos que nossos olhos a ele se acostumem, boa parte da apreensão desaparece. Qualquer pessoa poderá perceber isso, se refletir o quão intensamente a noite contribui para o nosso temor em todos os casos de perigo e o quanto as crenças em fantasmas e duendes, dos quais ninguém pode formar idéias precisas, afetam os espíritos que dão crédito aos contos populares sobre tais espécies de seres. (p. 66 - 67)

O efeito sublime causado pela noite está relacionado à incerteza e ao desconhecido, sentimentos que são provocados pela ausência de luz. Essa condição, por sua vez, comunica-se com o eu-lírico gilciano que, junto à presença do dia, não encontra espaço para sua manifestação como sujeito social, sensorial e emotivo ativo, visto que a sua condição de mulher é fadada ao silenciamento que a sociedade machista e patriarcal do século XX imprimia.

A utilização de uma linguagem sublime expressa através dos motivos noturnos permitem a Gilka Machado subverter a manipulação das ideias de terror, medo, horror (comuns ao sublime) e abrem margem para a grandiosidade e infinitude que a noite pode proporcionar. Logo, não se estabelece uma ligação negativa com a noite e com os motivos noturnos. Ao contrário, a noite é abrigo, acolhimento, calma e exploração. É na transcendência dos sentimentos e na irmanação com a natureza, ou seja por meio da fruição - a mais alta representação das paixões -, que o eu-lírico sublima a Lua, o Vento, a Noite e até mesmo a Luz.

No poema “Silêncio” presente em *Cristais Partidos* (1915) a poeta se utiliza da grandiosidade que o sublime provoca para expressar os sentimentos e sensações que outrora não puderam ser apresentados. O silêncio traz a sugestão, a subjetividade e a expressão da individualidade, pois está presente antes mesmo da existência do que se entende como mundo, como o eu-lírico afirma na quarta estrofe do poema “[f]oste o início de tudo e de tudo és o termo./ Silêncio - concepção primitiva dos mundos,/ cosmopeia eteral de todas as ideias.” (p. 53)

A comoção presente em “Silêncio” é possível devido à sublimação da linguagem, de modo que é por meio das condições do sublime que são exploradas a potência da quietude como



transcendente ao corpo e ao ser “[é]s a concentração do ser pensante, humano,/ a vida espiritual e oculta do universo,/ a comunicação invisível das cousas.” (p. 53) É por meio da ausência do som que se tem o maior exemplar da manifestação do ser, isto é, o silêncio que fala, que comunica e abre espaço a “[m]isteriosa expressão das cousas mudas” (p. 53).

As marcas do sublime invadem toda a composição giliana em “Silêncio” e refletem no reconhecimento da finitude humana e, por consequência, da sua pequenez diante do silêncio que invade, comove e transforma o sujeito, ao mesmo tempo que se conecta e se promove a partir do reconhecimento e da troca: “mas eu compreendo os teus sentimentos profundos,/ eu te sinto cantar olentes melopeias...” (p. 53)

O sublime em “Silêncio”, portanto, vai ser responsável por garantir ao eu-lírico a produção de suas ideias a partir da experiência dos sentimentos e das sensações que só são possíveis a partir da ausência de quaisquer ruídos. Assim, afirma o eu-lírico na última estrofe do poema

Da cisma na minha alma o triste cunho imprimes,
o sono, o desmaio, o natural mistério,
trazes-me a sensação dos gélidos tormentos;
e si nesse teu ventre hão germinado os crimes,
no teu cérebro enorme, universal, etéreo,
têm-se desenvolvido os grandes pensamentos.
(MACHADO, 2017, p. 54)

A última estrofe propicia a retomada da ideia que se tem do silêncio que é negativo e, ao mesmo tempo, subverte e apresenta a sua outra face. Assim, observa-se que o silêncio promove o espaço de conforto para a exploração de todas as ideias, dos “grandes pensamentos” e que estes só são possíveis graças à opulência do silêncio que sugere e envolve.

A poética desenvolvida por Gilka Machado promove a exploração do sublime por meio de categorias que são, normalmente, tidas como negativas, como os motivos noturnos. A privação do som, como apresentado no poema “Silêncio”, faz parte desse grupo de imagens que compartilham as ideias dos motivos noturnos; desse modo, temos o silêncio, a lua, o céu noturno e o vento, por exemplo.



Em “Falando à Lua”, quadragésimo terceiro poema de *Cristais Partidos* (1915), o eu-lírico sublima a noite através desses motivos noturnos e reconhece, a partir da sugestão, a profunda conexão consigo. Assim, o eu-lírico afirma

Lua amiga, marmórea Lua-cheia,
- alma da Noite, mística lanterna,
à minha dor traz luz, de luz semeia
a minha noite eterna!
(MACHADO, 2017, p. 112)

As possibilidades de exploração dessa noite que conforta e abre espaço de fala também serão responsáveis pela eloquência da dor. Essa é parte do processo de quebra, reconhecimento e reconstrução que permeia a existência humana. Ao mesmo tempo que a Lua, como motivo noturno, traz à tona a dor, é ela quem é “consoladora amiga de quem sofre,/ irmã das almas boas” (p. 112).

A Noite é fonte de representação de um mundo sugestivo através da transcendência que atinge o eu-lírico e o comove. O sublime presente na poesia giliana se manifesta por meio da grandiosidade da vivência e da experiência que se dá através da subjetividade, assim demonstra-se na décima estrofe do poema “Falando à Lua”:

Da misteriosa Noite és o mistério,
das almas és o livro, a triste história;
teu raio é para mim bálsamo etéreo, ó Lua merencória!
(MACHADO, 2017, p. 113)

O mistério da noite é fundamental para garantir que o eu-lírico explore as condições mais internas de si. É por meio da irmanação com os elementos noturnos que estão ao seu redor que o eu-lírico de Gilka Machado consegue conforto para a manifestação dos seus desejos mais íntimos, que são confessados através dos elementos da noite.

A poeta, então, utiliza-se da linguagem do sublime para experienciar o máximo das sensações a partir da sua ligação com os elementos que a circundam e que garantem o processo de irmanação do eu com o silêncio, com a natureza, com os animais e, sobretudo, com a noite que dispõe esses elementos em um espaço sublime para aparição e conjugação junto ao eu lírico. Logo, o sublime elíptico e sugestivo encontra no motivo da noite região agradável para

100



seu desenvolvimento, que vai ser responsável por manifestar uma poética que explora a condição social e individual de uma mulher.

4. A lua, a noite, o vento

A noite é elemento presente no imaginário do ser humano, de modo que através dela muitos outros aspectos são presentes. A ausência de luz, causa ao ser sentimento de incapacidade, pequenez e fragilidade, de modo que a não presença de luz é motivo inerente ao medo.

Na contramão do que se espera da tematização da noite, Gilka Machado a traz como pacífica. É durante a noite que o eu lírico de Gilka consegue encontrar-se em si e nos elementos que a cercam e, assim, irmanar-se a eles e, ao mesmo tempo, a ele. A noite, desse modo, é divinizada e isso se dá a partir da linguagem sublime que permeia sua composição poética.

A noite, como divina, carrega consigo o êxtase das sensações e promove a oportunidade de explorar aspectos que, ao longo do dia, não são possíveis de serem explorados. Assim, a lua – mesmo com aspectos de equivalência com o eu lírico – dispõe, a partir da sua condição de satélite natural e, assim, astro componente do universo, efeito sobre o eu lírico de magnitude e o relembra sua condição humana.

Da mesma forma que a lua é objeto sublime, o silêncio e as trevas também são explorados ao longo da lírica de Gilka Machado. O silêncio, por exemplo, é campo de conforto, de modo que a profunda ausência de som dispõe ao eu lírico grande deleite para enfrentar os barulhos da alma.

É no silêncio, pois, que o eu lírico encontra lugar de fala e passa a compreender aspectos antes mudos. Assim, é possível afirmar que o sublime é a linguagem particularizadora do motivo da noite em Gilka Machado. A noite assume contornos avessos aos pré-estabelecidos porque a linguagem sublime é capaz de conferir a ela condição de divindade, sendo aliada à condição de mulher. Assim, a noite é particular, divina e feminina.

A noite também dá espaço ao sonho – ambiente bastante explorado e valorizado pelo movimento simbolista – que dá maior campo à imaginação e ao devaneio, de modo que “o sonhador, em seu devaneio sem limite nem reserva, se entrega de corpo e alma à imagem que



acaba de encantá-lo” (BACHELARD, 1996, p. 167). A entrega do sonhador ao devaneio corresponde à entrega do eu lírico à noite que a contempla e a aprecia, isso comprova que a relação entre a noite e o eu – na lírica da poeta brasileira – não é de medo ou receio, mas é realizada em ambiente de paz.

Gilka Machado, portanto, relativiza os conceitos de bem ou mal na presença da noite sublime que, como linguagem, confere ao eu lírico da poeta simbolista o olhar real em relação ao mundo, de modo que ele compreende as faces ruins e boas, ao mesmo tempo busca unir-se a sua divindade, sendo que esta não ocupa espaço de superioridade, mas de igualdade, de forma que também é mal, liga-se às trevas, ao obscuro e, por consequência, à linguagem sublime e, então, ao motivo da noite.

O cessar das atividades humanas propicia o aflorar de sentimentos e, para isso, a noite é elemento fundamental, pois é na ausência da luz que a maior parte dos sujeitos se encontram reclusos. A noite também pode ser compreendida como

[...] não apenas às horas noturnas como fato externo, lugar da ação, mas à noite como fato interior, equivalendo a um modo de ser lutuoso ou melancólico e à explosão dos fantasmas brotados na treva da alma. E ainda parte [...] das conotações de mistério e treva, para chegar a um discurso aproximativo ou mesmo dilacerado, como convém ao derrame sentimental unido à liberação das potências recalcadas no inconsciente. (CANDIDO, 1987, p. 18)

Dessa forma, a noite se apresenta não somente como oposição ao dia, como fator ambiental, mas também como condição interna e psíquica do sujeito. Os mistérios da alma, a inquietude do subjetivo e dos sentimentos são também representados nessa noite que se expressa na máxima oposição à claridade das ideias.

A partir dessa noite individual, de ocultação dos sentimentos, do silenciamento das vozes externas é que Gilka Machado insere o seu eu-lírico como forma de trazer à tona todas as condições que são veladas na presença da luz, seja ela representada pela claridade solar, sendo esse um fator ambiental, ou pela elucidação das sensações expressas no desejo do outro, no amor, no gozo, no arrepio e, sobretudo, no reconhecimento da validade dessas experiências na condição de sujeito feminino.



A sublimação da noite, então, vai ser fundamental para a purgação dos sentimentos que são reconhecidos como impróprios à condição da mulher do século XX. É a partir dos motivos noturnos sublimados que se torna possível demonstrar o grandioso e, assim, elevar o espírito e comunicar uma poesia que explora e fala a condição da mulher, bem como as sensações próprias ao corpo feminino.

Os poemas de Gilka Machado abrem espaço a uma nova forma de comunicação da mulher na sociedade e, ao mesmo tempo, demonstram que o corpo feminino também é um corpo de desejo e um corpo sexual que busca pelo prazer da mesma forma que pelo amor. A completude do ser é união entre amor e desejo, como afirmada em Platão (1972), de modo que não se atém somente a sua junção afetiva, mas é também um complemento de corpos sexuais que procuram pelo carnal, pelo toque, pelo sentir e, assim, é a forma que o erotismo deixa a sua marca na poesia giliana.

Por erotismo entende-se:

Toda concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração os falta. A passagem do estado normal ao desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua. O termo dissolução responde à expressão familiar de vida dissoluta, ligada à atividade erótica. No movimento de dissolução dos seres, a parte masculina tem, em princípio, um papel ativo, enquanto a parte feminina é passiva. (BATAILLE, 1987, p. 14)

O erotismo de Gilka Machado, por sua vez, visa subverter a ideia da passividade feminina e coloca a mulher como sujeito ativo que busca a conexão dos corpos, assim como há a busca ativa masculina. Tais condições só são possíveis de serem exploradas e apresentadas através dos motivos noturnos e da linguagem sublime que conferem transcendência, por meio da grandeza dos sentimentos e das conexões feitas a partir do eu-lírico feminino.

A utilização dos elementos noturnos para a construção de uma poética própria dão o tom da poesia giliana. Em “Noturnos”, poema parte do livro *Cristais Partidos* (1915), observa-se a caracterização da noite com contornos afetivos e receptivos, de modo a demonstrar acalanto e compaixão ao eu que se irmana:

Noite – amiga, piedosa enfermeira do doente
do infortúnio, velando o humano sono, do ar:



alonga pela Terra o teu olhar dormente,
dá que eu possa dormir para depois sonhar.

Todo o teu ser aclara um júbilo fremente
quando, ó mãe negra, vens teus filhos aleitar,
na espargose eteral do tímido crescente,
dando-nos a beber o teu leite de luar.

Na morna quietação do teu seio convexo,
no gozo fraternal desse teu largo amplexo,
dormem, serenamente, o Céu, a Terra, o Mar...

Em ti se decompõe e se forma a existência,
ó primeira visão da embrionária inconsciência,
última imagem que hei de em meus olhos levar!
(MACHADO, 2017, p. 106)

As qualidades relacionadas à noite, no poema de Gilka Machado, subvertem a ideia de medo, temor e horror e dão espaço a um ambiente agradável e amistoso. O “seio convexo” que se abre a fim de receber e abraçar é o responsável pela união entre o eu-lírico e o seu meio. Essa conexão é a marca da hospitalidade que a noite imprime ao sujeito feminino que vê, ali, a possibilidade de elaboração de novas significações para os seus sentimentos e desejos.

O poema que é composto em soneto mantém em sua forma a tradicionalidade para que, em sua temática, seja inserido o tom de modernidade que costura a produção da poeta brasileira. Por meio do jogo entre tradicional e inovador, Gilka Machado desenvolve a sua poesia e manifesta as condições de ser mulher no Brasil do século XX.

A linguagem sublime, assim como nos demais poemas, se faz presente ao longo do poema “Noturnos” e se demonstra, sobretudo, na apresentação da ideia da grandeza da noite e da finitude humana. A existência que se decompõe na noite é a mesma que se fará presente como últimas imagens levadas ao leito, como demonstra no último verso do poema “última imagem que hei de em meus olhos levar!” (p. 106)

O sublime e os motivos noturnos, dessa forma, são meios de promoção da conexão do eu-lírico com a vida ao seu redor. A noite sublimada propicia a elaboração de uma vivência feminina que não é possibilitada junto à claridade social. A exploração do sentir não se mostra como uma categoria possível aos sentidos femininos quando relacionados ao prazer da carne, do gozo e do êxtase.



A noite “dá que eu possa dormir para depois sonhar” (p. 106) e, a partir disso, permite que o eu-lírico, em algumas horas do seu dia, através das condições oníricas ou da contemplação se liberte das amarras que são incutidas diariamente na construção do que é ser mulher. Tal condição é manifestada no poema que inaugura *Cristais Partidos* (1915)

“No tórculo da forma...”

No tórculo da forma o alvo cristal do Sonho,
Ó Musa, vamos polir, em faina singular:
os versos que compões, os versos que componho,
virão estrofes de ouro após emoldurar

Para sempre abandona esse teu ar bisonho,
esse teu taciturno, esse teu simples ar;
a perfeição de que dispões, de que disponho,
nesta artística empresa, é mister empregar.

Seja espelho o cristal e, em seu todo, reflita
a trágica feição que o mal consigo traz,
e o infinito esplendor da beleza infinita.

E, quando a rima soar, vaidosa sentirás
percutir no teu ser, que pela Arte palpita,
O sonoro rumor do choque dos cristais.
(MACHADO, 2017, p. 52)

O poema que abre as portas para os cristais partidos é fundamental para a compreensão da poética de Gilka Machado. É possível reconhecer que o eu-lírico elabora a condição de poeta e, sobretudo, do espaço que lhe é destinado, de modo que “nesta artística empresa, é mister empregar” (p. 52) e, assim, entende-se que os poetas que são homens ganham maior espaço e reconhecimento por sua produção.

A “Musa” é evocada para que junto ao eu-lírico seja possível explorar e abrir meios que possibilitem a produção de uma poética única e que fale a condição da mulher na sociedade a partir da exploração de seus prazeres. O “Sonho” que se apresenta como manifestação de um desejo de reconhecimento e de abertura de possibilidades às mulheres também já deixa um pequeno indício da importância que os motivos noturnos terão ao longo da produção giliana.

Os cristais partidos, dessa forma, serão representados pela linguagem sublime que promove a magnificência da vivência da mulher e da profundidade do desejo a partir dos



elementos da noite que darão o espaço de conexão de forma aprazível e comunicativa, em um constante processo de troca, reconhecimento e respeito entre o eu-lírico e o seu meio.

5. Considerações finais

O espaço ocupado por Gilka Machado na literatura de autoria feminina é significativo para a compreensão do espaço da mulher na literatura e, sobretudo, sobre o que se entende como cânone literário, bem como as estruturas que são reconhecidas como clássicas. A subversão que a poeta promove a posiciona em um entrelugar que se utiliza das formas do simbolismo para imprimir sua marca moderna, o que a posiciona em constante troca com os movimentos literários presentes em seu tempo.

A não categorização da poeta carioca em uma única escola literária permite a identificação de múltiplos traços que comunicam as várias influências que circularam na produção poética giliana. A manipulação da linguagem sublime que se manifesta no infinito do céu, do vento e das sensações e comunica a finitude humana, por meio de motivos noturnos, são pontos chave para a construção de uma estética única que coloca Gilka Machado em posição de destaque na literatura e na produção de autoria feminina.

A ruptura com as ideias preexistentes da condição da mulher, nessa sociedade que oprime e a marginaliza, é promovida a partir das imagens noturnas, junto à linguagem sublimada, que são os principais meios de conexão do eu com o mundo e, por meio da subversão das suas significações, ou seja, não se tem os elementos da noite como negativos, é que se torna possível a exploração das condições próprias ao íntimo, que são afirmados como amor e desejo, numa constante busca pela completude do sentir e da carne.

Logo, os motivos noturnos destacam as marcas do sublime em Gilka Machado e promovem a construção de uma poesia própria, particular e que, ao mesmo tempo, fala a condição do todo, do coletivo e da sociedade. É por meio do trabalho dessas ideias que a poeta vai construir uma poesia que subverte o tema, a forma e expõe a realidade por meio da utilização de temáticas que não eram tidas como próprias ao fazer poético feminino, mas que, aqui, são colocadas na centralidade da sua produção.



6. Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Gilka, a antecessora*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 dez. 1980. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pagfis=17850. Acesso em: 13 de agosto de 2021
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Antonio de Paula Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo, tradução de Antônio Carlos Viana*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas idéias do sublime e do belo*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1993.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, Antonio. "Romantismo, negatividade, modernidade." *Anuario del Colegio de Estudios Latinoamericanos*. UNAM 1, p. 137-141, 2006.
- GONÇALVES, Rosana. Florbela Espanca e Gilka Machado: Liliths da modernidade. *FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária*, n. 9, p. 152-164, 2012.
- HOLLANDA, H. B. Notas críticas. In: MACHADO, Gilka. *Poesia Completa*. São Paulo: Demônio Negro, 2017.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- LONGINO. Tratado do Sublime. In: *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix/Edusp, p.70-114, 1981.
- MACHADO, Gilka. *Poesia Completa*. São Paulo: Demônio Negro, 2017.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- PLATÃO. *O Banquete*. Tradução, introdução e notas por: DE SOUZA, J. C. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- SANTOS, Fabiano Rodrigo da Silva. O sublime e o problema da modernidade em Pedro Kilkerly. *Acta Scientiarum*. Language and Culture, Maringá, v. 37, n. 1, 2015, p. 83-92.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução, apresentação, notas e índice de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23 - 57.

